

Diário de Bordo – 14/04

Na aula de hoje, conduzida pela professora Glenda, refletimos sobre um tema extremamente necessário e, ao mesmo tempo, ainda pouco explorado: a inclusão de alunos autistas no ensino de Química. A aula nos proporcionou uma análise crítica e sensível sobre como a formação dos licenciandos em Química ainda carece de uma preparação adequada para lidar com a diversidade em sala de aula, especialmente com os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Iniciamos a discussão com dados que chama atenção: o aumento significativo nos diagnósticos de TEA, com uma taxa atual de 1 a cada 36 crianças norte-americanas. Esse crescimento levanta uma questão importante: onde estão esses alunos autistas no contexto escolar brasileiro? Muitos estão inseridos nas classes regulares, tentando contornar os desafios e buscando uma vivência funcional dentro do sistema educacional.

Foi evidenciado que os estudos sobre o ensino de Ciências para pessoas com TEA são escassos, sendo ainda mais limitada a produção específica voltada ao ensino de Química. Isso é preocupante, principalmente porque a Química é, em grande parte, abordada apenas no Ensino Médio, exigindo conhecimentos prévios de matemática, o que pode tornar o conteúdo ainda mais desafiador para alunos com TEA.

Discutimos também a estrutura da graduação em Licenciatura em Química e a ausência quase total de disciplinas voltadas à inclusão. Embora a disciplina de Libras esteja presente em algumas grades curriculares, ela sozinha não é suficiente. A formação inclusiva ainda é insuficiente, e isso impede que futuros professores estejam preparados para lidar com as singularidades dos alunos da Educação Especial.

A professora Glenda enfatizou que apenas inserir o aluno do PAEE na turma regular não configura, por si só, uma educação inclusiva. A verdadeira inclusão só ocorre quando a escola proporciona o ingresso, a permanência e o desenvolvimento acadêmico desses alunos, considerando suas necessidades específicas.

Outro ponto relevante foi a importância do ensino lúdico para muitos alunos com TEA, que se sentem mais confortáveis e engajados com essa abordagem. No entanto, para aplicar essas estratégias, os docentes precisam ser capacitados, o que reforça a necessidade de formação continuada e cursos de pós-graduação voltados para a inclusão.

Uma reflexão importante deixada pela professora Glenda: é preciso que a formação docente vá além da teoria e realmente prepare os professores para atuar com empatia, sensibilidade e conhecimento sobre as diversas formas de aprender e ensinar. A inclusão, para ser efetiva, deve ser planejada, intencional e humanizada.

Saí da aula de hoje com a sensação de que temos um longo caminho a percorrer, mas que ele começa com pequenas mudanças na formação inicial e com o compromisso contínuo de buscar capacitação. O ensino de Química pode (e deve) ser acessível a todos, e cabe a nós, futuros professores, lutar por essa realidade.